



# A metamorfose: as quatro fases da minha construção

Relatório de Estágio Profissional, apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio.

**Orientador:** Professora Doutora Paula Silva

**Cristiana Maria Loureiro Alves**

Porto, setembro de 2020

## **Ficha de Catalogação**

Alves, C. M. L. (2020). “A metamorfose: as quatro fases da minha construção.” Relatório de Estágio Profissional. Porto: P. Silva. Relatório de Estágio Profissional para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**Palavras-chave:** ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; PROFESSOR; CONSTRUÇÃO PESSOAL; METAMORFOSE.

## Dedicatória

“Aqueles que passam por nós,  
Não vão sós,  
Não nos deixam sós.  
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”  
-Antoine de Saint-Exupéry

Às minhas três estrelinhas por me acompanharem sempre mesmo estando  
longe.

Sei que se aqui estivessem ficariam orgulhosos de tudo o que conquistei.

Obrigada por continuarem a olhar por mim!



## **AGRADECIMENTOS**

À FADEUP,

por toda a partilha de conhecimentos, momentos felizes e por possibilitar a realização de um dos meus grandes sonhos!

À professora Paula Silva,

Pela disponibilidade que sempre teve comigo. Pelos conselhos transmitidos, pela ajuda que me prestou e pela paciência que demonstrou ao longo deste ano. Obrigada por ter tornado a minha experiência muito mais enriquecedora.

Ao professor Eduardo Rodrigues,

Por todos os conselhos e pelas aprendizagens que partilhou comigo. Pela confiança que depositou em mim e que me fez sentir sempre segura de partilhar tudo. Obrigada por ter feito de mim uma melhor profissional e pessoa.

Ao António,

Pelo companheirismo neste ano diferente para os dois. Por todos os momentos partilhados, conversas e trocas de ideias que decerto ficaram sempre na memória dos dois.

Aos meus alunos,

Por me terem proporcionado um ano maravilhoso, por todas as experiências que passamos juntos e por me motivarem a ser sempre melhor. Espero do fundo do meu coração que a vida lhes sorria também.

Aos meus pais,

Por todos os esforços que fazem e fizeram para que tudo isto fosse possível. Por serem os meus alicerces e me incentivarem sempre a seguir o meu sonho. Por estarem sempre presentes em todas as etapas da minha vida e por terem paciência para me aturar. Por me amarem incondicionalmente.

Ao meu irmão,

Por festejar todas as minhas conquistas como se das dele se tratasse.

Às minhas avós,

Pelo orgulho imenso que tem em mim e me receberem sempre com um sorriso nos lábios mesmo quando o meu dia não corre às mil maravilhas.

Ao meu namorado,

Pela paciência que teve e nunca ter reclamado por lhe pedir para ler o meu relatório outra vez. Por me incentivar a ser sempre melhor e a festejar comigo todas as conquistas.

Aos meus atletas e clube do coração,

Por fazerem parte do meu crescimento pessoal e profissional. E por me deixarem ser sua treinadora, líder e amiga.

Aos meus amigos,

Por estarem sempre presentes e pelo apoio constante que me dão. Por festejarem tal e qual como o meu irmão, como se esta conquista fosse deles também.

À TEAMFADEUP,

Por todos os momentos e memórias criadas ao longo destes anos, que decerto se prolongaram por muitos mais!

E por último,

A todas as pessoas que diretamente ou indiretamente tiveram uma influência na minha vida e me levaram a conquistar tudo o que consegui até hoje.

Obrigada a todos do fundo do meu coração!

## Índice

Ficha de Catalogação .....	II
Dedicatória.....	III
AGRADECIMENTOS.....	V
Índice .....	VII
Resumo .....	IX
Abstract.....	XI
Abreviaturas.....	XIII
1. Introdução .....	3
2. A fase do ovo .....	7
3. A lagarta.....	13
4. O desenvolvimento dentro da crisálida .....	21
5. A abertura da crisálida .....	47
6. A borboleta.....	57
7. Referências Bibliográficas.....	63



## Resumo

A elaboração deste Relatório de Estágio surge no seguimento ao Estágio Profissional, integrado no Segundo Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Trata-se de um documento único e autêntico, com professores e alunos reais, que possibilitam a vivência da profissão. Este relatório espelha todo o percurso e construção pessoal vivido durante este ano de estágio. Esta prática de ensino supervisionada teve sede em duas escolas do concelho de Valongo, onde lecionei uma turma de 10º e de 6º ano. Sendo que a turma do 6º ano era partilhada com o meu colega de estágio. Todo este processo foi supervisionado por dois docentes, o Professor Cooperante e uma Professora Orientadora. Este relatório de estágio utiliza uma metáfora sobre as diferentes fases da transformação de uma borboleta, ou seja, a metamorfose, porque tal como esses animais penso que nós seres humanos também passamos por várias transformações durante a nossa vida. O relatório encontra-se dividido em 6 grandes áreas, a primeira é a introdução; A segunda intitulada como a fase do ovo, onde é desenvolvida a minha biografia, o percurso académico e também as minhas expectativas iniciais em relação ao Estágio; A terceira como a fase da lagarta, onde enquadro todo o envolvimento do meu estágio, isto é, a escola, o professor cooperante, a professora orientadora, os alunos, o núcleo de estágio e o grupo de educação física; A terceira parte é referente ao desenvolvimento dentro da crisálida, onde está retratado toda a prática que desenvolvi no processo ensino-aprendizagem neste ano letivo, bem como o seu planeamento, conceção e avaliação; A quinta a abertura da crisálida onde apresento momentos da minha participação na escola e comunidade; A sexta a borboleta onde faço referencia sobre todo o processo e expresso as minhas expectativas para o futuro. De facto, este ano transformou a Estudante Estagiária, sendo um ano marcante na sua formação.

**Palavras-chave:** ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; PROFESSOR; CONSTRUÇÃO PESSOAL; METAMORFOSE.



## **Abstract**

The preparation of this Internship Report follows the school placement, integrated in the Second Cycle in Physical Education Teaching in the Basic and Secondary Education of the Faculty of Sports of the University of Porto. It is a unique and authentic document, with real teachers and students, which enable the experience of the profession. This report reflects the entire journey and personal construction experienced during this internship year. This supervised teaching practice took place in two schools in the municipality of Valongo, where I taught a class of 10th and 6th year. The 6th year class was shared with my internship colleague. This entire process was supervised by two professors, the Cooperating Professor, and an Advisor Professor. This internship report uses a metaphor about the different stages of the transformation of a butterfly, that is, metamorphosis, because like these animals I think that we human beings have also undergone various transformations during our life. The report is divided into 6 major areas, the first is the introduction; The second, entitled as the egg phase, where my biography is developed, the academic path and also my initial expectations regarding the Internship; The third is the caterpillar phase, where I fit all the involvement of my internship, that is, the school, the cooperating teacher, the guiding teacher, the students, the internship group and the physical education group; The third part refers to the development within the chrysalis, which depicts all the practice that I developed in the teaching-learning process in this school year, as well as its planning, design and evaluation; The fifth is the opening of the chrysalis where I present moments of my participation in the school and community; The sixth is the butterfly where I refer to the whole process and express my expectations for the future. In fact, this year transformed the Trainee Student, being a remarkable year in her training.

**Keywords:** SCHOOL PLACEMENT; PHYSICAL EDUCATION; TEACHER; PERSONAL CONSTRUCTION; METAMORPHOSIS



## **Abreviaturas**

AVP- Associação de Voleibol do Porto

EE- Estudante Estagiária

EF- Educação Física

EP- Estágio Profissional

FADEUP- Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

ISMAI- Instituto Superior da Maia

MAPJ- Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo

MEC- Modelo Estrutura de Conhecimento

MID- Modelo de Instrução Direta

NE- Núcleo de Estágio

NEE- Necessidades Educativas Especiais

PATA- Planeamento Anual e Plurianual de Atividades

PC- Professor Cooperante

PNEF- Plano Nacional de Educação Física

PO- Professor Orientador

TGFU- Modelo de Ensino do Jogo para a Compreensão

UD- Unidade Didática



# Introdução



## 1. Introdução

A elaboração deste documento visou espelhar a metamorfose de uma borboleta (estudante estagiária), onde se pretende que seja desenvolvida a sua construção pessoal. Este documento realizado no Âmbito do Estágio Profissional (EP) e que está inserido no plano de estudos do Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (MEEFEBS), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), remete às vivências e transformações da Estudante Estagiária (EE). De acordo com Cunha et al. (2014), o estágio é a etapa final da formação inicial, sendo fulcral o estabelecimento de uma ligação entre a teoria e a prática. Segundo Queirós (2014a) enfatiza que este momento (de estágio) de entrada na profissão é uma fase crucial, ao nível do desenvolvimento do conhecimento e da própria identidade dos docentes. A autora acrescenta que a prática, em contexto real, permite a construção e a consolidação de uma panóplia de destrezas, atitudes e, inclusive, saberes práticos indispensáveis ao bom desempenho na docência.

Este processo contou com um trabalho de entreajuda e cooperação entre a EE, o outro EE e ainda apoiado pelo Professor Cooperante (PC) e pela Professora Orientadora (PO). O EP deu-se numa escola do concelho de Valongo, sede do Agrupamento. A totalidade dos intervenientes, permitiu clarificar o trabalho a desempenhar e potenciar a qualidade do processo, que é visível no RE. O presente documento está estruturado em seis grandes capítulos, sendo eles: a Introdução, A fase do ovo, A lagarta, O desenvolvimento dentro da crisálida, A abertura da crisálida e a Borboleta.

Na Introdução é realizada uma contextualização do EP, seguido da fase do ovo, onde forneco informações pessoais, do meu percurso académico e das minhas expectativas para o EP. Na lagarta é apresentado o enquadramento da escola, os alunos e é abordada a importância dos outros intervenientes, o PC, a PO e o Núcleo de Estágio (NE). O desenvolvimento da crisálida ilustra o percurso vivenciado ao longo deste ano letivo, o processo desenvolvido do ensino-aprendizagem, o planeamento, a conceção e a avaliação. A abertura da crisálida

narra a minha participação na comunidade escolar, apresento algumas atividades em que estive envolvida e alguns sentimentos que vivenciei neste EP. E por fim, a borboleta, onde desenvolvo as minhas expectativas para o futuro, que embora incerto, deverá fazer-me abrir as asas e voar.

Silva (1997) afirma que o primeiro ano se caracteriza por ser, em geral, um processo de intensa aprendizagem do tipo de tentativa e erro, pelo princípio de sobrevivência e por um predomínio de valor da prática. Importa ressaltar que muitos dos momentos vividos não conseguem ser transcritos diretamente, não é fácil colocar em papel todas as vivências decorrentes do ano de estágio. Este ano foi tão rico que se torna praticamente impossível relatar com detalhe todas as experiências e pequenas aprendizagens com que nos defrontamos no dia-a-dia.

# **A fase do ovo**



## 2. A fase do ovo

Tal como as borboletas, também nós, seres humanos, nos desenvolvemos por fases, e a minha começou no dia do meu nascimento.

Nasci no 24 de fevereiro de 1997, em Massarelos, numa segunda-feira, quase no final da noite. Primeira filha, terceira criança da família e até então única menina. Tive uma infância bastante feliz, entre Gondomar e a aldeia da família, Nespereira Cinfães.

Como única rapariga tive poucas oportunidades de brincar com bonecas pois aí brincava sempre sozinha e como eu e os meus primos passávamos bastante tempo juntos em casa da minha avó materna, tive uma presença masculina muito forte na minha vida. As minhas brincadeiras de infância materializavam-se a correr ou a jogar futebol com os meus primos. E daí se deu a minha paixão pelo desporto, na escola educação física sempre foi uma das minhas disciplinas favoritas.

Através da escola tive o meu primeiro contacto com um desporto com treinadores, natação, apesar de já saber nadar adorei as aulas e aprendi melhores as técnicas de nado porque até então nadava “à cão”. Depois a minha mãe colocou-me na patinagem artística num clube perto de casa da minha avó. Pratiquei esta modalidade durante bastante tempo e comecei a perceber que o desporto não era meramente praticar, mas trazia com ele uma grande variedade de sentimentos. Na patinagem desenvolvi amizades que ainda hoje trago comigo, aprendi com os erros e aprendi a ultrapassar medos e adversidades. Após o falecimento do meu avô materno, senti que a patinagem não tinha mais sentido pois ele era um dos grandes impulsionadores do meu gosto pela modalidade.

Passado um ano sem realizar nenhuma modalidade, descobri o voleibol na Ala Nun'Álvares de Gondomar, clube que me acompanha desde os meus 11 anos. Aí nasceu outra das minhas grandes paixões, ensinar! No meu ano de juvenil, ou seja, quando andava no 10º ano de escolaridade, surgiu a oportunidade de começar a ajudar nos mais pequenos e foi aí que descobri que adorava fazer

parte do processo de crescimento de alguém, engraçado é que passado seis anos voltei a ser treinadora de atletas que tinha treinado quando chegaram ao clube. Decidi tirar então o curso de treinador nível I em 2015, começando então a ser treinadora “oficialmente” desde o início do meu caminho no ensino superior, mas apenas me tornei treinadora principal na época 2019/2020 ou seja no mesmo ano que iniciei o Estágio profissional.

Penso que este meu papel ligado ao desporto como treinadora fez com que criasse algumas competências similares ao dos docentes. Tal como mencionam Barros et al. (2012), todas as experiências vividas enquanto treinador/a, atleta e/ou aluno/a influenciam a atuação dos futuros profissionais fazendo-os acreditar que com esforço o sonho é atingível.

No meu percurso escolar não posso dizer que sempre soube que queria desporto como profissão, no entanto sabia que queria algo relacionado com a educação. Quando era pequena sonhava em ser veterinária, mas como tenho fobia a alguns animais, perdi rapidamente interesse por essa área. No final do 9º ano decidi que iria para o curso de ciências socioeconómicas porque gostava bastante de matemática e como tal gostava de experimentar uma coisa diferente. Mas foi apenas no 12º ano que soube que queria ingressar pelo caminho da educação física, talvez porque tive um professor que me incentivou a fazer os pré-requisitos e uma família sempre compreensiva e motivadora, foi então em 2015 que soube onde deveria pousar o meu ovo para me começar a transformar. Apesar de nas borboletas a fase do ovo durar apenas alguns dias, a minha construção demorou mais. Fiz a licenciatura no Instituto Superior da Maia (ISMAI) e de facto teve um grande impacto na minha formação pessoal e profissional, porque foi durante essa fase que decidi que queria pertencer à 1ª linha de montagem. Apesar de não ser fácil, trabalhar com pessoas e apesar de todas as áreas o fazerem, escolhi o ensino porque tal e qual como os meus professores e treinadores quero também ajudar na construção de um ser humano. No segundo semestre do último ano da licenciatura afirmei a minha certeza do caminho a seguir com a escolha da metodologia de ensino, para aprender e descobrir mais sobre esta minha paixão.

Ingressei então na Faculdade de Desporto do Porto (FADEUP). E o primeiro ano do mestrado ajudou-me a adquirir as reservas nutritivas necessárias para conseguir passar a fase seguinte e desenvolver-me dentro da crisálida. Durante o primeiro ano do mestrado com as didáticas específicas e com o pouco contacto que tivemos na nossa primeira experiência de lecionar, tive ainda mais a certeza que tinha tomado a decisão certa. Quando iniciei o EP também estava a viver um momento pelo qual ansiava há bastante tempo, tal como referi, era pela primeira vez treinadora principal e não posso dizer que foi fácil a conciliação destas duas funções tão importantes na minha vida profissional, contudo concretizei-me nos dois “ramos”. Para estes dois momentos, os meus sentimentos eram bastante idênticos, o nervosismo e a ansiedade pairavam no ar nas primeiras semanas.

*“Neste primeiro encontro, posso afirmar que estava bastante nervosa, apesar de não perceber a origem do nervosismo porque já tinha tido experiências parecidas em contexto de treino, no entanto, apesar do nervosismo acho que o encontro correu muito bem.” (Diário de Bordo-semana 1: 16 a 22 de setembro)*

As expectativas iniciais eram bastante altas, tal como referi no meu diário de bordo, “as minhas expectativas para este ano eram colossais.”. Esta experiência foi, sem dúvida, uma das partes mais importantes no meu processo de desenvolvimento profissional. Tratou-se de aprender tudo aquilo que tinha vivido enquanto aluna na faculdade com a imprevisibilidade e o meio envolvente a influenciarem toda e qualquer decisão. A verdade é que a aprendizagem acontece, efetivamente, com o contacto com a realidade, com outros professores e com os próprios alunos (Batista & Queirós, 2013). Não posso dizer que sofri um choque com a realidade logo no início, este deu-se quando comecei a lecionar o voleibol, a minha modalidade, e percebi que se calhar ser treinadora não era ser professora.

*“Esta semana tive o primeiro contacto do voleibol na escola e conseqüentemente o choque, pois pude perceber que é muito diferente no contexto de treino. Tenho de começar a tirar o chip do*

*treino e tentar começar a pensar mais simples para que assim os meus alunos consigam evoluir e aprender nesta modalidade.” (Diário de Bordo- semana 3: 30 de setembro a 6 de outubro)*

Contudo, o facto de o choque com a realidade não se ter dado logo no início, não significa que no início já estava apta e qualificada para a função, muito pelo contrário. Sabia que o facto de lidar diariamente com jovens e crianças e consequentemente com os problemas inerentes à organização do processo ensino-aprendizagem me preparou para o momento em que cheguei à escola. Sabia que apesar de já ter uma bagagem ainda existia muito para aprender e competências e capacidades para desenvolver.

Quanto aos meus alunos esperava que fossem alunos interessados pela EF, queria conseguir alterar ou acrescentar algo neles, tal como antigos professores tinham feito comigo. Queria, tal como enuncia Marinho (2013), ir para além da técnica e da tática e ensiná-los a estarem sempre predispostos a um aperfeiçoamento e a um aprimoramento do espírito e, de acordo com a autora, educar supõe a formação de um *ethos* íntegro e integral, devendo o professor cuidar da integridade do educando. E foi com esta mentalidade que tentei trabalhar logo desde o primeiro momento.

*” Quero conseguir passar um bocadinho da paixão que tenho pela educação física para os meus alunos e com isto conseguir que estes se tornem melhores seres humanos. Tal e qual como me foi passado esta paixão pelo desporto por treinadores e professores que passaram pela minha vida escola e desportiva quero conseguir transmitir um bocadinho desse entusiasmo como eles me passaram a mim.” (Diário de Bordo- Expectativas iniciais)*

# **A Lagarta**



### 3. A lagarta

Tal como todos os animais a lagarta precisa de se alimentar, de ter uma fonte de alimento e tal e qual a ela, eu neste ano de estágio tive algumas fontes de alimento, começo por falar da escola que me acolheu.

Inicialmente recorri ao dicionário da Língua Portuguesa, para entender como o mesmo definia a escola. Segundo o mesmo, a escola é uma instituição com o encargo de educar, que segue as diretrizes dos programas, com múltiplos alunos de faixas etárias distinta, sendo o edifício onde ocorre o ensino. A escola como sabemos foi evoluindo e alternando em função dos objetivos a atingir. Inicialmente, os mais velhos ensinavam aos mais novos, depois passou a ser uma relação entre mestre e aprendiz, em que só tinham acesso através da Igreja católica. Posteriormente surgiu o reconhecimento que era necessário educar determinados parâmetros em função das necessidades da própria sociedade, ou seja, criando e formando pessoas com as características necessárias (Fino, 2001). Atualmente vivemos numa instituição vista como a nova forma de socialização, caracterizada por ser gratuita, obrigatória, laica, universal e num local próprio, com especialização de tarefas e para o maior número de alunos possível. As escolas devem ainda considerar, em todos os momentos, os diferentes setores da sociedade, pela sua interdependência e necessidade de moldar à esfera escolar e aos respetivos intervenientes. Tal como enunciam Alves et al. (2014), toda e qualquer escola possui uma cultura que lhe característica, desenvolvida pela interação entre os seus atores, no contexto específico. Neste parâmetro o PC foi fulcral para entender como funcionava a mesma e a cultura que esta tinha.

Não vou mentir que não foi a minha primeira escolha, contudo quando cheguei a escola fui sempre bem recebida por todos e foi notório o excelente ambiente que a escola detém.

*“Quando saíram as colocações dos estágios curriculares para ser sincera fiquei um bocado preocupada pois tinha ficado na minha*

*segunda opção e ainda por cima não conhecia ninguém tanto do meu núcleo como do núcleo dois, o que me fez pensar se teria feito a escolha certa em não ter posto o mesmo que os meus outros colegas de turma que assim pelo menos poderia ficar com um deles, mas sinceramente ainda bem que não o fiz. Já conheci a escola e o meu colega do núcleo e não poderia estar mais satisfeita. Às vezes faz-nos bem sair da nossa zona de conforto e trabalhar com diferentes perspetivas para que assim nos tornemos mais completos.” (Diário de Bordo: expectativas iniciais)*

Esta faz parte do concelho de Valongo, sendo a sede do agrupamento. A escola oferece aos seus alunos um vasto leque de oferta formativa, oferece curso de educação e formação tipo 3, de electricista de instalações; cursos profissionais de técnico de ação educativa, técnico de design de comunicação gráfica, técnico eletrónica médica e técnico de gestão de equipamento informáticos; oferece ainda educação para adultos curso de português para falantes de outras línguas A1+A2 (iniciação) e B1+B2 (continuação) e oferece ainda os cursos científicos humanísticos como artes visuais, ciências socioeconómicas, ciências e tecnologia e línguas e humanidades. Para esta oferta existem ainda diferentes departamentos, cada um deles responsáveis por uma área que englobam várias disciplinas, dando resposta às necessidades formativas dos mais mil alunos que a escola possui. Relativamente ao desporto escolar oferece, andebol masculino (para nascidos de 2005 a 2007), basquetebol feminino (2007 a 2009), voleibol feminino (2002 a 2007), voleibol masculino (2002 a 2009), orientação xadrez e badminton misto para todos os anos, sendo que o desporto escolar engloba também modalidades das escolas do agrupamento.

Desta escola guardo boas memórias, quer sejam pela amabilidade dos funcionários e professores, quer seja pelos torneios recheados de alunos ou até mesmo pelas festas como carnaval onde a escola toda parava para assistir ao espetáculo organizado pelos alunos e conseqüentemente o seu desfile.

As condições que a escola oferecia eram bastante melhores do que o ano letivo anterior pois a escola tinha estado em obras e, como tal, não tinha espaço

exterior para a lecionação das aulas de EF. Tínhamos um pavilhão com a possibilidade de estarem três turmas a ter aulas ao mesmo tempo e espaço exterior bastante abundante com capacidade para duas turmas. O que na minha opinião poderia ser reforçado era o material que disponhamos para as aulas porque nos dias em que tínhamos cinco turmas em simultâneo e se por acaso as turmas do interior davam a mesma modalidade ficávamos com pouco material disponível, exemplo prático deste acontecimento teve lugar no primeiro período quando estava a dar voleibol e necessitava de um específico número de bolas e quando percebi que não poderia ser possível adaptei o exercício.

*“Nesta aula deu-se o primeiro constrangimento que foi o número de bolas que necessitava para o primeiro exercício, sendo que não foi possível realizar pois como outro professor estava a dar a mesma modalidade que eu, o número de bolas que eu necessitava era ridiculamente excessivo. Modifiquei então o primeiro exercício para um exercício de sustentação e criei grupos com mais elementos para que desta forma o material não fosse escasso. “(Diário de Bordo: semana 4- 7 a 13 de outubro)*

Com a escola ganhei também um amigo, o meu colega de núcleo, núcleo este pequeno pois apenas era constituído por mim e por ele, no entanto, acho que nos demos bastante bem logo desde os primeiros momentos pois estávamos os dois ali para aprender. Não o conhecia, aliás, tal como referi não conhecia ninguém, nem sequer do outro núcleo de estágio na escola pois, apesar de andarmos na mesma faculdade, éramos de turmas diferentes. Apenas os conhecia das aulas teóricas em que estávamos todos juntos, mas não passava disso. Com o passar do tempo, tornei-me também amiga dos colegas do segundo núcleo. Em relação ao meu colega de estágio, apesar de termos maneiras diferentes de pensar, entendo que conseguimos encontrar um equilíbrio e não o considero como um aspeto negativo pois conseguimos preencher as lacunas um do outro, ajudamo-nos mutuamente e foi bom ter alguém com quem discutir assuntos ligados às aulas, fossem estes sobre assuntos pré aula ou pós aulas.

Para além de mim e do meu colega o núcleo tinha o elemento chave o PC. Desde o primeiro momento se mostrou compreensivo e acima de tudo funcionou como um facilitador. Este estava sempre disponível para nos ajudar e apresentou sempre a sua sabedoria quer tanto a nível profissional como pessoal. Deixando-me logo desde o primeiro momento à vontade e deu-me autonomia, deixando que eu aprendesse com os meus erros, para que deste modo eu evoluísse enquanto docente, percebia também as minhas escolhas desde que as justificasse. Sinto que o PC foi uma das peças fundamentais para o meu desenvolvimento enquanto docente e como pessoa também. Em todas as reflexões, análises sobre as minhas aulas e emails era demonstrado uma preocupação e cuidado notório por parte do PC. O professor percebia que não éramos todos iguais e que cada um devido as suas características e vivências tinha uma maneira diferente de realizar este processo e como tal sabia que cada um tinha de descobrir o seu caminho e a maneira mais indicada de o percorrer. De acordo com Reina (2013), ser PC é possibilitar a passagem do EE para a outra margem, possuindo uma atitude de inconformismo, de constante atualização e de responsabilidade tremenda. A autora menciona ainda que para desempenhar esta função é necessário o gosto pelo ensino e por ensinar, por ser professor, ser um verdadeiro entusiasta, aceitando a inovação, os mais diversos desafios e também conforto. Tem de ser alguém capaz de transmitir este mesmo gosto aos próprios alunos e estagiários. Confesso que estou inteiramente de acordo, pois tem de ser alguém que procure sempre mais e que reconheça que o crescimento e desenvolvimento daqueles jovens estão ao seu encargo, neste caso mais específico é a minha própria evolução que se coloca em causa, sendo que o PC teve sempre isso em atenção e contribui-o para o meu crescimento pessoal e profissional. O PC funcionou também como um elo entre mim e o meu colega de estágio pois logo desde o início fez quebrar do gelo inicial, o que facilitou o resto do trabalho, incentivou-nos também a trabalhar em equipa. Do PC podíamos sempre esperar uma crítica construtiva no final de cada ou aula ou reunião e sempre que o professor achava pertinente falava connosco com sinceridade alertando-nos de pequenos ajustes que deveríamos realizar,

assim como era também o primeiro a elogiar e a incentivar quando algo nos corria bem.

Sem dúvida alguma que ficará marcado na minha vida, pois fez parte de um marco muito importante. Daqui levo não apenas os seus conselhos e conhecimentos sobre o ensino, mas também valores que me foi transmitindo e que terei todo o gosto de transmitir futuramente aos meus alunos e atletas.

Concordando com Santos et al (2013), “o PC tem sido um verdadeiro agente de formação, neste primeiro ano de tanta insegurança e incerteza”.

A PO, tal como enuncia Batista (2014), tem, naturalmente, um papel menos ativo e mais distante. De acordo com a mesma, as suas funções centram-se, sobretudo, na regulação do que está definido e regulamentado e daquilo que é efetivamente concretizado em contexto de EP. Contudo, do meu ponto de vista apesar de não privar da mesma como PC, a PO mostrou-se sempre disponível e através dos seus conselhos ajudou-me a que fosse cada vez mais elevando a minha fasquia. Tal como refere Alarcão e Tavares (2003), “não pretendo que o orientador ensine os seus formandos de acordo com o seu modelo, as suas expectativas e conceções sobre o processo ensino-aprendizagem como se de um aluno normal se tratasse, mas antes que estimule a refletir e encontrar, com a sua indispensável ajuda enquanto professor mais experiente, as melhores soluções e, conseqüentemente, a melhor formação.”, uma transcrição que reflete na perfeição o trabalho realizado pela PO que me deu confiança e liberdade para realizar as minhas próprias escolhas.

Através de Silva (2014) encontrei uma ideia que me pareceu bastante acertada para definir este processo de crescimento e aprendizagem, em que o mesmo menciona que o sucesso do EP depende dos vários intervenientes no processo, ou seja, do EE, do PC e do PO. Sem a presença de um deles, a formação do professor ficará incompleta. O acompanhamento de todas as partes foi fulcral para o meu crescimento enquanto futura professora e a nível pessoal, tal como enuncia Wenger (1998) quanto mais o núcleo de estágio (EE, PC e PO) funcionar como uma comunidade de prática, mais se alarga o leque de possibilidades de os EE construírem a sua identidade profissional como professores.

Outro aspeto fundamental para o EP são os alunos, sendo a minha turma residente do 10º de escolaridade.

*“São do curso de Humanidades é constituída por 24 alunos. Apenas 4 alunos nasceram em 2003 ou restantes nasceram em 2004. Todos os alunos tiveram educação física no ano letivo anterior, quase todos realçam que o desporto é importante, no entanto muitos acabam por dizer que não gostam de o praticar. Quando confrontados com as modalidades que se sentem mais a vontade, 8 alunos referiram que era o basquetebol, depois 4 alunos mencionaram o Voleibol, o Futebol/Futsal e o Andebol, 3 alunos o badminton, 2 alunos a Dança/Hip-Hop e 1 aluno a Ginástica e o Karaté, 2 alunos referiram que não se sentiam à vontade em nenhuma modalidade. As que se sentem menos à vontade o Futebol foi sem dúvida a modalidade que mais mencionaram, mas também Voleibol, Andebol, Atletismo (Corrida de Resistência e Salto de Barreiras), Basquetebol, Ginástica e Dança. Houve apenas 1 aluno que referiu que não tinha nenhuma em que se sentisse menos à vontade. Relativamente às modalidades que gostariam de abordar neste ano letivo os alunos referiam o Basquetebol, Ginástica, Voleibol, Badminton, Dança, Futebol, Andebol e Patinagem. Quanto à participação de desporto federado apenas 9 alunos já praticaram ou ainda praticam, sendo o desporto mais praticado o Futebol, sendo que dois alunos praticaram/praticam há 2 anos, 1 com 8 anos e outro com 9 anos. A seguir as modalidades com mais participantes são a Natação, 2 alunos há 3 anos, e o Karaté 7. Na vertente de Desporto Escolar nenhum dos 24 alunos praticou uma modalidade neste contexto.” (Diário de Bordo: semana 1- 16 a 22 de setembro)*

Logo desde o nosso primeiro encontro percebi que a turma era uma turma simpática e com o decorrer das aulas afirmei mais esta premissa. É uma turma participativa e de forma geral participam todos nas atividades propostas por mim, claro que umas com mais entusiasmo do que outras, mas de forma geral sempre

com um sorriso no rosto. Esta turma no final do primeiro período cresceu e no início do segundo período voltou a crescer e de 24 passamos para 27 alunos.

Para além da tranquilidade oferecida pelo 10º ano, tive a oportunidade de conhecer outra realidade do ensino, os entusiastas do 5º e 6º anos da EB 2/3 do agrupamento, uma escola que tem espaços magníficos para a prática das aulas de educação física, uma vez que tem imenso espaço exterior, tendo até um campo sintético, um pavilhão e um ginásio. Ali tive a oportunidade de no 1º período oscilar entre o 5º e o 6º ano, ambas as turmas com poucos alunos, mas todas com as suas peculiares. A turma do 5º ano que esteve connosco pouquinho tempo era constituída por 14 alunos e continha um aluno com necessidades educativas especiais, a turma tinha alguns problemas comportamentais nomeadamente com os alunos repetentes que constantemente nos desafiavam. Já a turma do 6º ano, turma que nos acompanhou mais pois no segundo período apenas tivemos com eles nas aulas, constituída com 16 alunos e também com um aluno de NEE a nível cognitivo, este mais “grave” do que o aluno do 5º ano.

Outro aspeto que penso ser importante para a minha adaptação e a integração é a relação com o Grupo de Educação Física. Este grupo recebeu-me bastante bem. Foi interessante perceber as diferentes perspetivas dos vários professores e aproveitei o facto de ter professores com diferentes anos de experiência para aprender o máximo possível. Penso que a observação de outros professores foi determinante para o meu crescimento enquanto futura docente.

Outra conduta que o Grupo de Educação Física teve perante mim foi o apoio constante que me deram ao longo do ano letivo. Alguns professores tiveram um maior impacto no meu desenvolvimento porque estive mais atenta aos mesmos, nomeadamente os professores que na sua maioria apenas lecionavam 2º ciclo, uma vez que, foi um dos anos mais desafiantes que tive, ancorava-me muitas vezes na observação desses professores para tentar perceber o que faziam para conseguir chegar aos seus alunos. Algo que percebi foi que nem todos tem perfil para lecionar estes anos do 2º ciclo, pois penso que seja preciso um carinho

especial. Apesar de uns me terem marcado de maneira diferente, posso afirmar que cada um deles acrescentou algo à minha formação.

# **O desenvolvimento** **dentro da crisálida**



#### **4. O desenvolvimento dentro da crisálida**

Como qualquer borboleta para me desenvolver necessito de reservas nutritivas e foi através do mestrado e do EP que as consegui obter. Para mim as reservas nutritivas que mais me fizeram desenvolver foram, o cuidado com o planejamento, como utilizar os diferentes modelos de ensino nos diferentes contextos, como a refletir sobre a nossa prática, como podemos através da avaliação extrair informações muito importantes para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

O EP, como indicam Santos et al. (2013) é a fase mais importante do programa de formação de professores. Para além de me ter permitindo dotar e capacitar de múltiplas ferramentas para melhorar a minha prática enquanto docente, também me possibilitou a conquista de uma competência profissional, não que eu possa afirmar que já tenho essa competência adquirida pois considero que ainda a necessito de trabalhar.

Começo por relembrar o primeiro ano do mestrado, onde começamos a construir uma ponte entre o mundo académico e o campo profissional. Como enfatiza Whelan (1999), aprende-se a ser professor não só nos contextos de aula, mas também nos espaços e momentos circundantes, assimilando a cultura do professor. E foi também onde comecei a ouvir falar do choque com a realidade, associado ao constante medo de falhar, da necessidade de bastante tempo para resolver problemas que docentes experientes resolveriam num ápice. Segundo Almeida et al. (2013), o docente sente que, de um momento para o outro, deixa de ser estudante e passa a assumir todas as responsabilidades de um professor com um turbilhão de emoções que inquietam qualquer um mesmo que muito bem preparado, tal como eu me senti.

No início do EP, tinha a minha conceção sobre o processo ensino-aprendizagem, formada pelas minhas vivências enquanto aluna e posteriormente pela minha formação académica, contudo esta conceção foi-se moldando diariamente. Como refere Bento (2003, p.7) “todo o ensino necessita de ser preparado e organizado, sendo a conceção o ponto de partida para a orientação do processo

de ensino-aprendizagem”. Segundo Matos (2014), na concepção devemos ter em atenção os dados de investigação, o contexto cultural e social da escola e uma análise dos planos curriculares. Inicialmente tal como acrescentam Santos et al. (2013) é na escola, num contexto “verdadeiro”, que o EE tem a oportunidade de mobilizar o que aprendeu até ao momento, com o intuito de se tornar um verdadeiro docente.

Para me desenvolver antes de realizar o meu EP tentei definir melhor a minha opinião sobre a disciplina de Educação Física. A meu entender esta é distinta das restantes disciplinas presentes no currículo e é uma peça estruturante do mesmo. Para além da formação moral, é capaz de elevar os valores não só corporais, mas também de integração, equidade e multiculturalidade.

Graça e Lacerda (2012) mencionam que sendo o Desporto o objeto central do ensino, a EF é uma disciplina de destaque para o desenvolvimento de múltiplas capacidades e competências motoras que podem, naturalmente, ter impacto na saúde e na cultura desportiva. Porém não nos podemos esquecer que a nossa disciplina vai muito mais além do mundo físico, uma vez que esta é crucial para formar indivíduos críticos, conscientes e autónomos. Por estas razões, nas reuniões do conselho de turma, ficava chocada pela forma como outros professores olhavam para a EF, contudo o PC com o seu vasto leque de argumentos, conseguia expressar o seu ponto de vista, vincando a sua posição e a da disciplina na escola.

No dia nove de setembro conheci pela primeira vez o PC, lembro-me de estar nervosa e de naquele dia ter percebido que ia ser professora e que esse sonho de miúda estava mais perto de se tornar realidade. Pela minha idade e estrutura fui muitas vezes confundida como aluna e lembro-me que ficava sempre com borboletas no estômago quando respondia aos funcionários e professores que me questionavam, meio a medo, que era professora. Esse primeiro encontro foi um encontro para nos conhecermos, falamos de nós e o PC também se apresentou, e naquele momento percebi que tinha à minha frente uma das pessoas que mais me iria ajudar a crescer enquanto EE. Durante essa semana realizamos várias reuniões, porque o ano letivo começava logo na

semana seguinte. No dia treze de setembro de dois mil e dezanove pudemos escolher a turma que iríamos ter, fiquei com uma turma do décimo ano, uma vez que o meu colega de estágio tinha limitações de horário. Nesse dia o professor falou-nos também de como se costumavam realizar as apresentações.

O primeiro contacto com os meus alunos foi sem dúvida um momento que vou ter gravado para sempre na minha memória. Esse momento deu-se no dia dezassete de setembro de dois mil e dezanove, a ansiedade que eu vivia não me deixou dormir na noite anterior. Na minha cabeça pairavam questões do tipo “será que os meus alunos me vão levar a sério?”, “será que me vou lembrar de tudo o que tenho de dizer?”. Recordo-me de ter chegado meia hora antes da hora da aula e de ter ficado no carro a reler os meus apontamentos e os conselhos dados pelo PC para aquele momento. Quando chegou a hora lembro-me de ter aquela sensação do coração a bater a mil, contudo essa ansiedade foi-se dissipando quando os primeiros alunos entraram no balneário, local destinado para este momento. Lembro-me de mal entrarem perguntarem se eu é que era a professora deles e ficarem muito admirados com a minha idade. No final da minha apresentação respondi a algumas questões que tinham e depois como combinado fui chamar o PC. Lembro-me de ficar no gabinete com as informações que recolhi a serem absorvidas, comecei logo a ver o que tinham escrito nas fichas de identificação, quem eram os alunos que gostavam de educação física e perdi a noção das horas passarem porque só “despertei” quando o PC entrou na sala.

Penso que a confiança que o PC depositou nos seus EE foi fundamental para que aquele sentimento não fosse mais grave, pois ele deixou que realizássemos tudo como quiséssemos, ou seja, deu-me espaço para perceber qual a melhor maneira de me sentir mais à vontade.

Essas duas primeiras semanas foram semanas recheadas de acontecimentos, reuniões e documentos para analisar. Um dos primeiros documentos que realizei foi o planeamento anual e segundo Bento (2003, pg. 67) “a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio

aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como as reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo”. Neste planeamento é importante que seja tido em conta vários aspetos, como o *roulement*, o material disponível e se possível as condições climatéricas para que assim seja possível aproximar ao máximo o planeamento da realidade. Importa referir que esta planificação deve ser realizada em três níveis distintos, macro, meso e micro. Como enunciam Chng e Lund (2018), um percurso bem planeado é capaz de informar acerca das estratégias mais efetivas, significativas e recompensadoras para melhorar o ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos. Para mim, este foi talvez um dos documentos que tive mais dificuldade em elaborar, pela sua abrangência, pela longevidade e por ser o primeiro que elaborei em contexto real. Segundo Bento (2003) o planeamento tem de ser exequível, didaticamente exato e rigoroso, que oriente para o essencial com base nas indicações programáticas e em análises da situação da turma e da escola. Apesar deste planeamento necessitar de ser bastante preciso, como qualquer planificação está sujeito a modificações consoante as necessidades do professor, dos alunos e até mesmo do espaço. Para elaborar este documento, precisei de consultar o Programa Nacional de Educação Física (PNEF), que continha as linhas orientadoras das matérias a abordar e com base nesses programas as escolas criam um documento, o Projeto Curricular de EF, que está adaptado a cada escola. O PC foi sempre um elemento importante em cada momento, apesar de nos deixar à vontade na tomada de decisão, dando-nos conselhos quando necessário, mas no fim a escolha era inteiramente do EE. Após analisar todos os aspetos, decidi no primeiro período, lecionar Voleibol, Atletismo (resistência) e Orientação. No segundo período, Atletismo (velocidade e estafetas), Ginástica (minitrampolim e solo, que iria ter continuidade no terceiro período) e Basquetebol. No terceiro período, iria lecionar, Badminton, Ginástica (minitrampolim e solo), Dança e Atletismo (barreiras), sendo que a condição física foi transversal a todos os períodos. Contudo devido à pandemia que se instalou e com a passagem para o ensino à distância acabei por abordar temas como os Meios de Comunicação e o Desporto, Desporto na Quarentena, Desporto Federado *versus* Desporto

Escolar, Desporto Adaptado, Desportos Individuais *versus* Desportos Coletivos, Bullying no Desporto e a par destes temas, no início das aulas síncronas à distância, lancei um desafio aos meus alunos em que consistia em visualizarem um filme desportivo e posteriormente realizar uma reflexão, que devia conter aspetos como a mensagem do filme e como poderíamos fazer o transfere para as nossas aulas e para o nosso quotidiano.

As modalidades escolhidas não foram escolhidas ao acaso, ponderei bastante o que seria melhor para os meus alunos e para melhorar as suas vivências na disciplina. Muitas vezes estas escolhas também tiveram em conta o PATA. Decidi abordar Voleibol, Atletismo e Orientação no primeiro período. Uma vez que a modalidade coletiva, o Voleibol, não era uma modalidade que todos os alunos gostassem, mas era uma das que eu detenho mais experiência. Todavia era um objetivo fazer com que os alunos se sentissem motivados e acabassem o período com uma opinião diferente desta modalidade. Optei por lecionar Resistência, no Atletismo, muito por causa do Corta-Mato que se iria realizar no final do período, contudo sabendo que não é uma modalidade que os alunos gostem, optei por utilizar estratégias de ensino desafiantes e que na minha opinião funcionaram bastante bem, como por exemplo a corrida intervalada. Entendo que consegui cativar e fazer com que os alunos percebessem a importância que a modalidade pode ter nas nossas vidas. Lecionei orientação, também pela importância que o PATA lhe dava e ainda por saber que era uma modalidade que todos os alunos gostavam de praticar.

*“Acabou assim o primeiro período e a sensação que tenho é que passou a voar (...) Um momento que me marcou muito foi sem dúvida “dar” as minhas primeiras notas e ir a uma reunião de professores (...)” (Diário de Bordo- semana 13+14: 9 a 18 de dezembro)*

No segundo período, saí da minha zona de conforto, e lecionei Basquetebol, Atletismo (velocidade e estafetas) e Ginástica (minitrampolim e solo). Neste período necessitei de procurar saber mais sobre estas modalidades e tentar arranjar estratégias para conseguir compensar as minhas lacunas e, consequentemente, conseguir que os alunos evoluíssem.

*“Em análise do segundo período todo, penso que tive alguns altos e baixos, sobretudo no basquetebol. Contudo, sinto que os ultrapassei talvez um bocado tarde e que se calhar deveria ter tentado agir mais cedo e não me deixar estar confortável num registo que eu já conhecia. Quanto ao sexto ano, acho que os professores que apenas lecionam 2º e 3º ciclo deveriam receber um prémio de santos, porque pelo menos os nosso eram uns traquinas, uma aula deles parecia duas do décimo ano, eles sugavam a minha energia toda. Eu saía de lá sempre com a cabeça a arder e sem forças para continuar as minhas quintas-feiras, e de pensar que era apenas uma aula, faz-me olhar para professores como a professora XXX da Escola Secundária de Ermesinde com outros olhos porque ela está sempre sorridente e através do que pude observar no torneio em que fiquei com ela é que tem sempre paciência para os seus alunos e olha-os com um olhar maternal, talvez por isso é que os alunos gostam tanto dela. Relativamente à organização de um torneio, verifiquei que requer imenso trabalho e demasiadas burocracias, como mostrar ao professor responsável pelo desporto escolar da escola, levar o cartaz para assinar na direção. Não sabia que tínhamos esses extras todos, no entanto, devo dizer que todo o grupo de educação física se mostrou prestável e sempre pronto para nos ajudar. No geral penso que foi um período bastante positivo apesar da sua interrupção.”*  
(Diário de Bordo- semana 24: 9 a 15 de março)

No último período e com o ensino a distância, o meu planeamento sofreu bastantes alterações como referido anteriormente. Tentei neste período abordar temas que muito dificilmente o conseguiria caso tivéssemos aulas presenciais. Foi um período desafiante em que eu própria tive de trabalhar mais de forma a conseguir fixar os alunos naqueles cinquenta minutos de aula. Utilizei estratégias onde os alunos tinham espaço para exprimir a sua própria opinião e que os mesmos mostrassem iniciativa, ou seja, realizei vários debates, tentei utilizar sempre vídeos curtos que lhes chamasse à atenção e a utilização de jogos didáticos foi sem dúvida o momento onde os alunos mais participaram. No fim

da experiência penso que as estratégias que utilizei foram bem conseguidas e no geral os meus alunos tiveram uma participação exemplar.

*“Depois deste primeiro contacto com as aulas a distancia não posso deixar de mencionar uma sensação estranha que estava em mim, nem eu mesmo a consigo descrever bem, no entanto a aula correu bastante bem, apesar de todos os meus alunos manterem a camara desligada quando eram questionados respondiam e eram bastante participativos, por isso os meus medos iniciais foram desvanecendo. Um dia antes desta aula tivemos uma pequena reunião com o professor Eduardo para lhe apresentarmos o que iríamos realizar na nossa primeira aula e o professor disse uma frase que me marcou que foi “o que faz a diferença da aula é a qualidade da relação com a turma.” E foi através desta frase que tentei criar as minhas aulas de forma a serem apelativas, porque acredito que a minha relação com a turma é bastante boa. Depois disto, comecei a planificar o resto das aulas, tentei sempre trazer temas interessantes e que envolvessem os alunos, por isso, comecei logo por realizar um Kahoot onde incorporei questões relacionadas com a cultura geral do desporto e depois com conteúdos que abordamos no primeiro e segundo período para ver até que ponto é que eles realmente estavam atentos nas aulas. Depois pensei em abordar temas como os meios de comunicação e desporto, o desporto na quarentena, o desporto federado versus o desporto escolar, desporto adaptado, desportos individuais versus desportos coletivos e ainda abordar o Bullying no desporto e na nossa vida. Ao abordar estes temas quero sempre acrescentar valor aos meus alunos e fazê-los parte integrante da aula por isso é que muitos assuntos são abordados através de debates, da expressão de opinião de cada um.” (Diário de Bordo- reflexão ensino à distância: primeiros contactos e expectativas iniciais)*

Outro aspeto importante são as Unidades Didáticas (UD) e como declara Bento (2003), as UD são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos

professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem. A realização da UD deve ser realizada de forma consciente e ponderada, nas quatro categorias transdisciplinares enunciadas por Vickers (1990) através do Modelo de Estrutura de Conhecimento (MEC), sendo essas categorias as Habilidades Motoras, a Condição Física, a Cultura Desportiva e os Conceitos Psicossociais. Bento (2013) refere que o planejamento a este nível procura garantir, sobretudo, a sequência lógica-específica e metodológica da matéria, e organizar as atividades do professor e dos alunos por meio de regulação e orientação da ação pedagógica. Assim as elaborações das UD serviam como linhas orientadoras para que cumprisse os objetivos que defini para os meus alunos. Nem sempre foi um processo fácil, se ao realizar a de Voleibol senti facilidades por ser uma modalidade com que trabalho diariamente, nos aspectos técnicos e táticos, nas outras modalidades senti o oposto. Tive dificuldades em entender quais os conteúdos que seriam fundamentais ensinar e os mais adequados para o nível da minha turma e ainda quando deveria introduzir algo novo. Contudo nada que uma pesquisa a literatura e até mesmo a unidades curriculares que tive enquanto estudante não ajudassem a pôr as ideias em ordem, tendo sempre em atenção todas as informações que recolhi desde o primeiro dia de aulas. O processo de elaborar uma UD deve ser efetuado com o maior rigor possível, para que possa ser executável ao longo do tempo devendo ter sempre na mente a evolução dos alunos e o que será mais benéfico para eles.

A par da UD temos o plano de aula que para mim é o elemento mais próximo do processo de ensino. Na realidade o plano não passa de um conjunto de exercícios sequenciados e estruturados, que requerem uma intervenção adequada de cada professor. Os objetivos, os conteúdos e as tarefas de aprendizagem são importantes, mas não o suficiente. Como refere Bento (2003) deve estimular os alunos no seu desenvolvimento. Devem também ser horas felizes para o professor, proporcionando-lhe sempre alegria e satisfação renovadas na sua profissão. No início sentia que o plano devia ser seguido com o máximo de rigor, sem sofrer qualquer tipo de alteração, contudo com o passar do tempo fui entendendo que o plano não é um documento estanque, comecei

a entender que um simples acontecimento pode alterar o que tinha planeado e que não existe problema se isso acontecer. O plano deve funcionar apenas como guia para o docente. Claro que no início quando alguns imprevistos me aconteciam ficava muito stressada por não ter conseguido realizar o último exercício ou então quando percebia que os alunos não tinham exercitado tantas vezes como tinha idealizado, ia para casa com uma sensação de angústia e refletia para entender como poderia modificar a situação. E a verdade é que sinto que terminei as aulas a conseguir que a minha reflexão tivesse frutos na minha prática.

Para o PC, o fundamental não era o documento em si, o que realmente tinha importância era o objetivo da aula, o porque dos conteúdos a abordar e por fim a escolha dos exercícios para atingir os objetivos propostos. Para mim foi um aspeto que precisei de trabalhar logo desde o início e apesar, de ainda não ser perfeita, sinto que qualquer pessoa que pegue no meu plano de aula consegue executá-lo. Foi um processo longo e numa fase inicial demorava horas a elaborar um plano de aula, colocava demasiada informação, que depois percebi que não necessitava de a ter, e muitas vezes confundia critérios de êxito com objetivos de aula, o que dificultava o entendimento dos alunos sobre os mesmos uma vez que muitas vezes não os transmitia com a devida clareza. A elaboração dos planos de aula foi melhorando com a prática, a partir do momento em que comecei a refletir sobre o meu desempenho e posteriormente criar planos B e C como ferramenta de aprendizagens comecei a ser mais bem-sucedida. Temos de ter atenção que o ensino é contingencial e imprevisível e como tal o docente tem de se manter flexível e atento às mais variadas situações que possam surgir no decorrer da aula. Segundo Bento (2014), o ensino é um palco de constantes tomadas de decisão imediatas, muitas delas nem sequer chegam a ser previamente pensadas.

Consegui ainda fazer um transfere destes planos de aula para os meus planos de treino onde comecei a definir melhor os objetivos, critérios de êxito e até mesmo melhorar a gestão do treino.

Para colocar tudo o que tinha definido, durante o meu EP utilizei vários modelos que abordamos durante o nosso primeiro ano de mestrado, modelos este que também fizeram parte das reuniões de núcleo com o PC.

Primeiramente começo por explicar que existem modelos centrados no professor e outros que concedem mais espaço à descoberta e iniciativa dos alunos e segundo Rink (2001) não há nenhum modelo que seja adequado a todos os envolvimento de aprendizagem, isto é, temos de olhar para o aluno como individual, com experiências singulares, com motivações específicas e com dificuldades particulares. Rink defende também que deve existir um compromisso entre extensão do conteúdo-alvo, bagagem do aluno, motivação e auto-percepção da competência constitui uma questão que o professor deve colocar antes de delinear o processo de instrução, sendo este que confere validade ecológica aos modelos de abordagem selecionados para o ensino de determinado conteúdo. Metzler (2000) defende ainda que um modelo é desenhado para ser utilizado em toda a unidade de instrução e inclui o planeamento, a implementação e avaliação funcional para essa unidade o que significa que inclui métodos, estratégias e estilos de ensino. As vantagens de existirem modelos de ensino são que estes disponibilizam um plano ou abordagem global, estabelecem áreas prioritárias, fornecem um tema de instrução, ajudam os professores e os alunos a perceber o processo, fornecem uma estrutura concetual unificada, incorporam descobertas da investigação, induzem e apoiam a partilha de uma linguagem comum entre os docentes, visualizam a relação entre instrução e aprendizagem, tornam a avaliação mais válida, orientam o pensamento e a tomada de decisão e promovem atingir as metas educacionais e aprendizagens dos alunos.

O Modelo de Instrução Direta (MID) modelo que teve três designações distintas, segundo Baumann (1988), instrução explícita, ensino ativo e instrução dirigida pelo professor, tendo sido designado como Instrução Direta em 1979 por Rosenshine. Este modelo centra-se na figura do professor, ou seja, este assume praticamente todas as decisões acerca do processo de ensino-aprendizagem, realizando o controlo administrativo, delimitando explicitamente as regras e rotinas da gestão e ação dos alunos de forma a obter a sua máxima eficácia nas

atividades desenvolvidas. Este modelo encontra-se centrado no controlo do comportamento, na aplicação de conceitos da psicologia condutivista e não considera os alunos como papel do processo ensino-aprendizagem. Apesar de este modelo ter sido o que prevalecia nos anos oitenta e noventa, ainda hoje podemos tirar partido no mesmo, pois considero que este seja eficaz em idades mais baixas, onde os alunos tem ritmos de aprendizagem mais lentos (Rosenshine & Stevens, 1986), e em atividades de elevada decomposição mais linear, isto é, no ensino de conteúdos passo a passo, utilizado em determinadas habilidades em contexto fechado como por exemplo no ensino da ginástica. A instrução direta apresenta ainda algumas limitações, tais como, não se ajustar a todas as matérias nem proporcionar os mesmos resultados perante alunos de nível de desempenho distinto e, tal como Housner (1990) referiu, não se adequar perante atividades de intuição, criatividade e descoberta. Considerando que o termo de “instrução direta” induza a alguma passividade, o êxito deste modelo está associado à participação ativa, empenhada e responsabilizada dos alunos.

No primeiro contacto que tive enquanto professora estagiária utilizei o MID apenas porque me encontrava bastante insegura na lecionação das aulas e achava que com a instrução direta os alunos não tinham tanta liberdade, isto é, eu controlava a maneira como realizavam os exercícios e não os deixava “pensar”, conseguia assim controlar a turma muito mais rapidamente e consequentemente cumprir os objetivos da aula. Foi ainda um modelo bastante utilizado no segundo ciclo, na turma partilhada, sendo que não conseguíamos utilizar outro modelo pois os alunos não tinham regras nem rotinas, para começar as aulas às vezes estávamos dez minutos há espera de que os alunos se acalmem e que o ambiente ficasse favorável ao processo de ensino-aprendizagem.

*“Comecei também por perceber que com alunos do 2º ciclo reagem “melhor” à instrução direta, uma vez que nestas semanas este ter sido onde as aulas correram melhor. No entanto, sinto que não devemos utilizar uma instrução ríspida, muitas vezes questionamos os alunos para eles fazerem parte do processo de ensino/aprendizagem,*

*contudo pelo menos na nossa turma, tanto de 5º como de 6º, funciona bastante bem.” (Diário de Bordo-semana 10: 18 a 24 de novembro)*

Sendo o MID um modelo mais tradicional, escrevo agora sobre modelos mais atuais, que utilizei no meu EP.

O Modelo de Educação Desportiva (MED), proposto por Siedentop (1987), constitui um modelo curricular que oferece um plano compreensivo e coerente para o ensino do desporto na escola, preservando e reavivando o seu potencial educativo. Em 1994, debruçou-se sobre três questões fundamentais, o da competência desportiva, a literacia desportiva e o entusiasmo pelo desporto. Sendo que o seu objetivo é promover aprendizagens contextualizadas, ou seja, experiências autênticas e educacionalmente ricas, que considerem a pessoa que mora dentro do praticante. Dar ênfase no papel socializador do desporto e que o aluno tenha um papel ativo na organização das tarefas e do jogo. Este modelo pretende formar alunos:

- Literatos: alunos desportivamente cultos e que conheçam as especificidades, valores, regras e tradições da modalidade;
- Entusiastas: alunos que preservem e realcem a cultura desportiva e que procurem o desporto fora da escola;
- Competentes: alunos com capacidade técnica e tática nas ações com e sem bola e que os mesmos se mantenham ligados ao desporto.

O MED tem ainda características específicas, sendo elas a época desportiva, a afiliação, a competição formal, o record, o evento culminante e o clima de festividade. Este modelo é um modelo mais pedagógico, mas que essencialmente ajuda na organização da aula. Apesar do MED requerer muito trabalho e entrega dos professores, alguns focam o modelo na literacia e no entusiasmo pondo de parte a competência e a aprendizagem dos alunos.

Com o passar do tempo e conseqüentemente com o ganho de confiança, comecei a utilizar nas aulas estilos de ensino, tal como a aprendizagem cooperativa, o ensino de pares e até mesmo o ensino por questionamento.

Cheguei até a utilizar em partes da aula o MED, não na sua totalidade, mas utilizando partes ligadas à afiliação. Trabalhavam sempre dentro das mesmas equipas e quando era altura da instrução apenas vinham os capitães de cada equipa que ouviam as indicações e posteriormente passavam a informação aos colegas. Considero que, talvez realizei esta dinâmica demasiado cedo porque o que acontecia é que apenas um capitão percebia o exercício e os outros esperavam que o mesmo comesse a trabalhar com o seu grupo para depois o imitar.

*“Comecei ainda a utilizar grupos fixos, ou seja, tentei recriar aqui o Modelo de Educação Desportiva, mais propriamente no que conta a afiliação, pois formei grupos em que os alunos competem entre si, quer no exercício da aula de hoje quer nos exercícios das próximas aulas. Tendo um quadro de classificação referente a cada aula.” (Diário de Bordo: semana 9- 11 a 17 de novembro).*

*“Esta aula correu bastante bem em aspetos ligados ao comportamento talvez pelos alunos saberem que irão ser avaliados num futuro próximo, contudo no que toca ao MED a sua aplicação desta vez não foi aquilo que eu esperava, continuei a usar equipas, no entanto desta vez tentei passar os exercícios através de capitães. E o que acontecia é que os capitães (elegidos por cada grupo) diziam-me que percebiam o exercício, mas quando o explicavam ao seu grupo esperavam que os outros comessem a fazer o exercício para eles os copiarem, apesar de já termos feito todos os exercícios desta aula nas anteriores. Na minha opinião não conseguirei implementar o modelo na sua totalidade, talvez porque é preciso os alunos terem uma certa maturidade e autonomia que neste momento a minha turma não consegue ter, todavia continuarei a utilizar equipas e na atribuição de papéis, mas nunca o utilizarei na sua totalidade.” (Diário de Bordo: semana 11- 25 de novembro e 1 de dezembro)*

O Modelo de Ensino do Jogo para a Compreensão (TGfU) foi criado para ajudar no ensino das modalidades. Este, surge pela primeira vez em 1982

quando Bunker e Thorpe o formalizaram. No geral, este modelo pretende que a atenção dedicada ao desenvolvimento das habilidades básicas do jogo, o ensino das técnicas isoladas fosse transferido para o desenvolvimento da capacidade de jogo através da compreensão tática do jogo. Apesar deste modelo se centrar na tática não nega a necessidade do ensino da técnica porque esta encontra-se no jogo. O TGFU está organizado segundo uma estrutura topo-base. Assim, durante o jogo, o aluno é confrontado com problemas que desafiam a sua capacidade de compreender e de atuação, promovendo a necessidade de procura de soluções, verbalizando-as, discutindo-as, explicando-as, ajudado pelas questões estratégicas do professor. Este modelo promove a compreensão dos conceitos de jogo, confronta os alunos com novos problemas e promove a compreensão dos conceitos do jogo. As situações de jogo podem ser modificadas, quer no número de elementos, no campo, nas regras e até no tempo de jogo, mantendo sempre por base as semelhanças ao jogo formal. O TGFU não é um modelo solidificado, entendido como algo que atingiu a sua forma perfeita e acabada. É um modelo aberto em diálogo com diferentes perspetivas teóricas sobre o currículo, instrução, relação pedagógica e a aprendizagem.

Neste segundo período no ensino do basquetebol utilizei o TGFU na sua totalidade onde trabalhei sempre em formas de jogo reduzidas até chegar ao jogo formal. Penso que este método de trabalho é mais motivador para os alunos, pois faz com que estes tenham densidade motora e aumentem o seu conhecimento tático e conseqüentemente o seu êxito no jogo.

Utilizei ainda, no voleibol, o Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo (MAPJ). Este modelo acentua a necessidade do praticante compreender o jogo e da aprendizagem passa por um processo de procura de soluções (dimensão cognitiva), oferecendo a todos oportunidades de prática e de participação equitativa (dimensão social), assegurando a construção de valores eticamente fundados pela promoção do fair-play e da literacia desportiva (dimensão pessoal) e legitima a aquisição de competências táticas, técnicas e físicas pela prática do jogo modelado, em referência do jogo formal (dimensão motora) (Mesquita, 2006<sup>a</sup>). É gerado e desenvolvido em torno de uma conceção de aprendizagem

situado do jogo, enformando uma perspectiva holística e unitária do ensino do voleibol, pela valorização integrada e entrelaçada das dimensões de formação pessoal, social, cognitiva e motora. O jogo aqui trabalhado desde a sua versão mais simples (1x1) até à mais complexa (6x6), constitui a diretriz da estruturação das atividades, decorrendo do seu tratamento didático a manipulação de constrangimentos que torna acessível a sua prática qualificada. Neste sentido as formas de jogo são modificadas e adaptadas ao nível de desempenho e de experiência, o que significa que é o repertório motor do praticante e o teor do conteúdo de aprendizagem que definem a forma de jogo selecionada (Kirk & Macphail, 2002; Maxwell, 2003). Este modelo projeta a passagem por quatro Etapas de Aprendizagem que são identificadas através dos níveis de desempenho elementares (quando os praticantes não conseguem sustentar minimamente a bola mesmo estando a jogar no plano frontal) evidenciando, que os mesmos se encontram no início da 1ª etapa. Já as identificações de níveis de desempenho superiores vão desde a capacidade mínima de sustentar a bola (início 2ª etapa) até à capacidade de encadear as ações de jogo, desde o 1º toque até ao 3º (início da 3ª etapa) ou, ainda, à capacidade de diferenciar as soluções mais ajustadas (início da 4ª etapa.).

*“Já tinha ponderado utilizar o Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo (MAPJ), pois considero um modelo de fácil implementação, segundo este modelo, a turma encontra-se na primeira etapa, ou seja, têm um jogo estático, raramente conseguem executar o segundo toque e jogam muito no “despacho” da bola.” (Diário de Bordo-semana 3: 30 de setembro a 6 de outubro).*

Como é referido por Mesquita & Graça (2011), não existem modelos perfeitos ou imperfeitos, encontrar um ponto de equilíbrio entre todos é a solução para uma prática eficaz, optando por aquele que permita criar condições mais favoráveis á aprendizagem dos alunos e à sua afiliação duradoura à prática desportiva. E na minha opinião não existe um modelo melhor que outro, existe sim um modelo, ou um misto de vários, que se adequa melhor a um determinado tipo de professor e a um determinado contexto.

Durante o meu EP surgiram várias adversidades, contudo a que mais dificuldade tive em ultrapassar foi a emissão de feedbacks. Como referem, Rosado & Mesquita (2011), após a realização de uma tarefa motora por parte de um aluno ou atleta, este deve, para que o seu empenho seja melhorado, receber um conjunto de informações acerca da forma como realizou a ação. Este comportamento da realização da tarefa seguida de correção é algo que eu já realizava nos meus treinos, contudo quando levado para contexto escolar, senti muito mais dificuldade, umas vezes em identificar o erro, outras por tentar corrigir demasiados aspetos e outras por não ter um conhecimento aprofundado de algumas modalidades. Como enunciam Rosado e Mesquita (2011) as maiores lacunas na qualificação do feedback devem-se a uma dificuldade no diagnóstico das insuficiências do praticante, que deriva muitas vezes da falta de domínio do conteúdo. Com o passar do tempo comecei a dar mais feedbacks, pois considero que o mesmo seja uma mais valia no processo de intervenção pedagógica, porque permite aos alunos compreenderem as situações/problemas. Privilegiando assim o reforço cognitivo e a autoaprendizagem. No início como não tinha os objetivos de aula e dos exercícios bem definidos, muitas vezes emitia apenas feedbacks apreciativos, pois não tinha bem definido os objetivos do exercício, então muitas vezes o exercício trabalhava uma habilidade motora e eu dava feedback sobre outra ou apenas emitia aquele feedback “boa”, “muito bem”, não conseguindo modificar a resposta dos meus alunos no sentido que desejava. Creio que ao estabelecer melhor os meus objetivos permitiu começar a emitir feedbacks mais centrados no que realmente desejava que os alunos realizassem e não meramente apreciativos. Penso que, a partir do momento que comecei a utilizar palavras chaves no plano de aula permitiu-me ser mais assertiva no tipo de feedback que dava.

Apesar de ter melhorado sinto que é um aspeto que devo continuar a trabalhar, pois acredito que o feedback pode trazer vantagens para o processo ensino aprendizagem, pois pode desenvolver as competências motoras, consegue desenvolver a autonomia e a responsabilidade e ainda promove a participação ativa e o entusiasmo pela prática.

Outro fundamento essencial, no meu EP foi a avaliação e segundo Penney et al. (2009), a avaliação na EF é um elemento crucial para elevar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, devendo existir uma ligação entre todo o processo. Para mim, penso que avaliar, nunca será um processo de realização simples. Trata-se de um momento cuja dificuldade é elevada não apenas para os professores, mas também para os alunos. Contudo, deve-se desmistificar este paradigma ao nível da avaliação, uma vez que esta pode potenciar stress e ansiedade, em vez de ser vista como uma tarefa com valor formativo. Segundo Rosa et al. (2012), a avaliação formativa (AF) compreende o ato de avaliar como parte e não como fim do processo de ensino e de aprendizagem. A avaliação não pode ser vista apenas na avaliação sumativa (AS), devendo sim considerar todo o processo e empenho dos alunos. De acordo com Araújo (2017), atualmente é consensual a necessidade dos resultados da avaliação para nortear e regular o percurso de aprendizagem, efetuando os ajustes necessários para que o mesmo seja de qualidade. Sendo assim torna-se claro que todas os momentos de avaliação, começando na avaliação diagnóstica (AD) devem ser efetuados de forma consciente e ponderada.

Relativamente à AD esta foi realizada no momento inicial de cada modalidade, pois era importante para entender o ponto em que os meus alunos se encontravam. Para além do momento em que realizamos a avaliação devemos pensar no porquê de a realizarmos, segundo Rosado e Colaço (2002), a AD tem como propósito a resposta a duas questões essenciais: quais as aprendizagens que servem de base às que vamos ensinar e que aprendizagens das que vamos lecionar já foram adquiridas pelos nossos alunos. As primeiras AD não foram fáceis, experimentei vários processos e estratégias até que encontrasse uma em que me sentisse confortável. O facto de no primeiro período ser a primeira vez que realizava este tipo de avaliação sozinha, deixou-me insegura, nem o facto de a primeira ter sido numa modalidade em que possuo mais experiência me facilitou o processo, contudo penso que estar agarrada a uma folha também não me ajudou porque muitas vezes estava mais centrada na folha no que estava a acontecer.

*“(...) optei por na segunda hora realizar a avaliação diagnóstica de basquetebol. (...) Um aspeto que senti nesta avaliação foi que tive pouco tempo para ver todos os alunos mais uma vez para ter a certeza do que tinha colocado para cada um. O que me levou a realizar uma análise mais rápida dos mesmos. O facto de os ter dividido em grupos e ir de campo em campo fez-me pensar que talvez não fosse a melhor opção, pois muitas vezes o que eu observava podia não ser aquilo que o aluno realmente sabia fazer, mas sim um acontecimento periódico, ou até acontecer o oposto, o aluno no momento em que eu estava a avaliar realizar sempre o movimento mal e quando passava para o próximo grupo começava a conseguir realiza-lo. (Diário de Bordo- semana 15: 6 a 12 de janeiro)*

Relativamente à AF tentei ao máximo que esta fosse uma tarefa continua, contudo muitas vezes aconteceu num processo informal, onde apenas anotava pequenas observações no final de cada aula de modo a que conseguisse adaptar o meu planeamento às dificuldades dos meus alunos. Este processo esteve presente no meu diário de bordo, onde através da reflexão constante das aulas conseguia entender a evolução dos meus alunos. Através da minha reflexão e da realização da AF senti-me mais preparada para a AS, porque já tinha uma ideia do desempenho que os meus alunos iriam ter na AS.

No final de cada modalidade realizava a AS. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989), a AF não serve de alternativa à AS; a sua complementaridade resulta não só do facto de permitir uma visão de síntese, mas também, de acrescentar dados à avaliação. Mas tal como referem Mendes et al. (2012), a avaliação deve considerar todo o processo de ensino-aprendizagem e requer algum rigor e consciência por parte de quem avalia. Mais do que simplesmente olhar, é necessário captar os diferentes significados dessa visualização porque irá variar de sujeito para sujeito. Como já referi anteriormente este pode ser um momento em que os alunos se sentem mais pressionados e não consigam ter prestações ao nível que eu sei que são capazes, portanto tentei realizar exercícios durante as aulas que iriam ser utilizados na AS, com o objetivo de preparar os mesmos o melhor possível. Tentei também que o ambiente fosse muito idêntico e que

fosse o mais agradável possível, porque segundo Rosado e Colaço (2002), as situações de avaliação formal, se não forem realizadas numa atmosfera adequada, poderão contribuir para um aumento de ansiedade nos jovens, para prestações menos bem conseguidas e, também, para criar momentos de sofrimento psicológico nos alunos. Esta avaliação acaba por nos fazer tornar uma melhor decisão relativamente à progressão ou à retenção do aluno, pois, compara resultados globais, permitindo verificar o desenvolvimento de um aluno face a um conjunto lato de objetivos previamente definidos, segundo Scriven, (1967). As maiores dificuldades surgiram na construção da avaliação, começando na escolha dos objetivos e do método a utilizar. Para a escolha desses objetivos recorri aos planeamentos anteriormente realizados e às reflexões das aulas para entender o que realmente deveria avaliar. Outra dificuldade que tive neste processo deu-se com a subjetividade da classificação, ou seja, por mais rigorosa que fosse, o que para mim seria um aluno de dezassete ou dezoito valores para o meu colega de estágio, poderia não o ser. O que acabou por acontecer, muitas vezes foi eu e o António comparamos as notas e chegávamos à conclusão de que se fossemos professores da turma um do outro as notas seriam diferentes. Apesar de ter recorrido a uma avaliação com referência ao critério, isto é, avaliei o aluno em relação a critérios pré-estabelecidos, considerando o aluno como um individuo singular, foi-me inevitável não recorrer à avaliação com referência à norma, em que consiste na comparação dos alunos. Penso que para se avaliar é necessário usar ambas as perspetivas. Este foi um dos processos que mais marcou o meu EP e que deve continuar a ser trabalhado, pois se avaliar com experiência se torna difícil, sendo esta a primeira vez torna-se ainda mais.

*“(...) com as avaliações à porta sinto-me cada vez mais nervosa, no sentido de que estou com “receio” de avaliar alguém, receio de ser injusta ou de ser severa de mais na atribuição das cotações e dos valores aos alunos. (Diário de Bordo- semana 11: 25 de novembro a 1 de dezembro)*

*“Esta semana iniciou-se com o meu maior receio quando optei por começar com a modalidade de voleibol, a qual eu me sentia realmente*

*confortável a ensinar, a sua avaliação, pois estava com bastante receio que a minha mentalidade de desportista/treinadora da modalidade não me fizessem ver realmente a evolução dos meus alunos e os estivesse constantemente a comparar aos meus atletas. (...) Apesar de ser uma modalidade em que me sinto confortável, senti na mesmo o nervosismo que já contava ter. No entanto, consegui definir bem os critérios que queria avaliar o que foi vantajoso pois consegui não divagar do que tinha planeado. (Diário de Bordo- semana 13+14: 9 a 18 de dezembro)*

*“(...) tive o meu primeiro contacto com a avaliação. Sendo que este não foi logo de imediato, pois pude vir para casa e dar uma nota, isto é, a avaliação de atletismo baseou-se no registo de tempos o que fez com que o sentimento de tormento não estivesse comigo naquele momento, mas apenas na altura quando cheguei a casa e as registei no computador e os realmente avaliei.” (Diário de Bordo- semana 12: 2 a 8 de dezembro)*

Outro aspeto fundamental no processo ensino-aprendizagem é a reflexão. Esta é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de qualquer docente. É deveras importante refletir acerca de todo o processo, desde as questões ligadas ao planeamento até à realização da prática, quer seja a nossa ou de outro docente, pois as críticas são feitas de modo a conseguirmos aperfeiçoar determinados aspetos.

*“Iniciamos mais uma semana com observações, como a minha primeira aula observada tinha corrido miseravelmente, desta vez preparei a aula utilizando uma folha de papel em branco, onde representava o espaço que tinha para dar a aula. Aspeto falado com o PC na reflexão da observação anterior (...) (Diário de Bordo- semana 18+19: 27 de janeiro a 9 de fevereiro)*

Após cada aula senti a necessidade de fazer uma análise sobre a mesma, não só para escrever sobre o que tinha ou não corrido bem, mas também para me confrontar com as decisões que tinha tomado. Grande parte das minhas

reflexões surgiram na partilha com o PC e o NE, muitas vezes os mesmos viam aspetos de uma perspectiva diferente da minha. Penso que o facto de conversarmos todos sobre as aulas me fez evoluir nas minhas próprias reflexões, uma vez que o PC não queria apenas que falássemos sobre a aula do outro EE, mas que fôssemos confrontados com a nossa. Comecei a olhar para a reflexão como uma maneira de eu evoluir enquanto docente, deixei apenas de dar foque ao que estava mal e comecei a tentar arranjar soluções para os meus problemas, tentei ainda que a reflexão me ajudasse a passar os alunos para primeiro plano e quando o consegui penso que tal como é referido na literatura passei a ser uma facilitadora na aprendizagem dos meus alunos. Segundo Marcelo (1999) os docentes geram conhecimento prático a partir da sua reflexão sobre a experiência. De nada servem todas as experiências que o EE vive durante o seu EP se não refletir sobre as mesmas e consequentemente transformar essas vivências em conhecimento que poderá manter no futuro.



# **A abertura da crisálida**



## 5. A abertura da crisálida

A abertura da crisálida é uma fase caracterizada pela imobilização em que a borboleta apenas sobrevive graças às reservas nutritivas acumuladas na fase da lagarta e tal como enunciam Richards et al (2013) o papel de todo e qualquer docente é complexo e multifacetado, requerendo um sentido de responsabilidade único para dar respostas às suas funções. Do meu ponto de vista, o Plano Anual e Plurianual de Atividades (PAPA) é muito importante, uma vez que integra as mais variadas atividades que irão decorrer ao longo do ano letivo. Estes pequenos momentos marcaram-me de diferentes formas, moldando e construindo a minha identidade profissional.

Começo por referir que para este ano letivo existiam variadas atividades planeadas, em ambas as escolas. O primeiro contacto que tive com atividades deste cariz foi a semana de orientação que decorreu no primeiro período, logo na segunda semana de aulas. Esta atividade foi realizada apenas dentro de cada turma, sendo que os docentes podiam dinamizá-la de diversas maneiras. Na minha turma como eu também estava a abordar a orientação como uma matéria de ensino juntei o útil ao agradável. Esta semana também veio completar a prova de orientação que se realizou no dia trinta e um de dezembro de dois mil e nove, apesar de não ter estado presente, uma vez que me encontrava a dar aulas na escola do 2º e 3º ciclo, soube que foi uma prova muito bem organizada e que os alunos gostaram muito, pois tinha algumas duplas inscritas.

Um dos grandes eventos da escola é o Corta-Mato, que não foi planeado pelos EE, (o evento organizado pelos EE era o Gira-Vólei), organizado pelo professor com ligação ao atletismo. Realizou-se no dia onze de dezembro na escola secundária. Na minha opinião o evento estava bem organizado e quando cheguei ao torneio já sabia quais as tarefas de que estava encarregue, como, o distribuir os dorsais e confirmar as inscrições dos alunos. Foi interessante ver como funciona o atletismo naquela escola, apesar de o PC me ter dito que já houve muitos mais participantes, fiquei admirada com o número de inscritos, uma vez que na minha altura como aluna não se tratava de um evento com muita

adesão. Uma vez que também lecionamos noutra escola, eu e o meu colega de estágio ajudamos também na execução do Corta Mato, que se realizou no dia doze de dezembro e foi à chuva, único aspeto negativo que registei. A organização deste foi bastante diferente, uma vez que as dimensões das escolas são distintas. Foi bastante interessante e enriquecedor poder observar como é que ambas as escolas se organizaram para o mesmo evento. Neste eu fiquei encarregue de encaminhar os alunos para a chegada, visto que o percurso era sempre o mesmo e com isto eles podiam entrar mais cedo na chegada. Neste último, como a escola tem menos alunos, foi possível ter uma proximidade maior com os mesmos durante o evento.

*“No dia do corta mato, quarta-feira, fiquei responsável pela atribuição dos dorsais e basicamente a minha função consistia em entregar os dorsais aos alunos que iriam participar e colocar um visto no nome deles. Após terminar esta função ajudei ainda a entregar as folhas de presenças aos professores responsáveis pela linha de partida. Em geral foi uma experiência muito enriquecedora e pude ver a envolvimento que este acontecimento teve na comunidade escolar. (...) No dia seguinte, foi outra vez dia de corta mato, mas desta vez, na travagem, este numa dimensão muito diferente pois o número de alunos da escola é bem menor do que a ESE. A sua organização acabou por ser diferente também. Fiquei responsável pela linha de chegada e foi interessante ver a logística das duas escolas. O único aspeto negativo foram as condições climáticas, no entanto, a alegria dos alunos e a envolvimento da comunidade escolar foram bastante gratificantes. (Diário de Bordo- semana 13+14: 9 a 18 de dezembro)*

Particpei também no Corta-Mato Regional, onde apenas foram os alunos classificados para o mesmo. A experiência deste corta-mato foi completamente diferente do corta-mato escolar, uma vez que a dimensão era gigante comparada a nossa. Aqui as tarefas eram diferentes e enquanto uns professores ficavam junto ao autocarro, outros acompanhavam os alunos à linha de partida e outros esperavam na linha de chegada. Eu fiquei sempre na linha de partida e encaminhava os alunos para a prova. Foi sem dúvida um evento onde tive de

demostrar mais responsabilidade e onde consegui estar mais próxima dos professores e estudantes que participaram. Gostei também deste evento porque encontrei antigos colegas de licenciatura, professores que foram meus treinadores e outros EE da FADEUP, e aproveitei para trocar algumas vivências e opiniões sobre o estágio.

Outro grande evento que a escola secundária realiza são os torneios de voleibol, sendo nesta modalidade que a escola realiza mais torneios. E na realidade os torneios de voleibol foram de facto o meu primeiro contacto com a comunidade escolar e um dos eventos que me fizeram perceber melhor a cultura da escola. O primeiro torneio de voleibol deu-se no dia vinte e sete de setembro. Foi-nos pedido pelo professor que está diretamente ligado ao voleibol na escola, que cada EE ficasse responsável por um campo. Aqui as tarefas seriam de gerir o seu campo, organizando as equipas para os jogos, anotando os seus resultados e se necessário arbitrar. Eu fiquei num campo com apenas equipas do ensino secundário e para mim não foi difícil gerir um campo pela minha ligação à modalidade e já ter tido experiências idênticas no desporto federado. Em conversa com o docente percebi que este realiza um enorme trabalho no desporto escolar com as alunas da escola, visto que treinava tantas vezes como eu no clube e apercebi-me também que tem um enorme carinho pelo seu trabalho, uma vez que foi ele que potenciou o voleibol na escola. O segundo torneio de voleibol realizado no dia treze de dezembro, estava destinado aos alunos do 2º e 3º ciclo em formato 4x4. Neste torneio, fiquei juntamente com outra professora na organização e gestão do 2º ciclo e na minha opinião correu bastante bem, conseguimos orientar os jogos todos e na parte da tarde conseguimos concluir os jogos todos e terminar mais cedo do que o previsto. O torneio revelou-se um sucesso, mas na minha opinião o 4x4 pareceu-me injusto para os alunos do 2º ciclo e o facto de não limitarem as idades da participação fez com que algumas equipas com alunos repetentes causassem mais danos às equipas que tinham na sua constituição apenas alunos com idades do 2º ciclo. Gostei bastante de ter trabalhado com esta professora e perceber como lida com as turmas de alunos com faixas etárias mais novas. No dia dezassete de dezembro ocorreu outro torneio de voleibol, desta vez destinado aos alunos do

ensino secundário. Desta vez a minha participação foi bastante similar à minha participação no primeiro torneio de voleibol, sendo que fiquei responsável por um campo e geri as equipas e jogos. Neste torneio já foi preciso intervir mais a nível de arbitragem porque existiam equipas que reclamavam mais com os árbitros do que jogavam e como sou da área não tinha dificuldades em intervir para proteger os alunos que estavam a arbitrar. Penso estas intervenções aconteciam porque na realidade muitos poucos alunos sabiam as regras de voleibol e os que tinham alguns conhecimentos achavam que tinham direito a intervir face à decisão do arbitro. Portanto penso que é deveras importante que os alunos nas aulas passem por diversos papéis, quer de jogadores, árbitros ou até mesmo a cronometrar o tempo para que assim consigam perceber a dificuldade que cada função tem e conseqüentemente aprenderem a respeitar as decisões uns dos outros.

*“Na sexta-feira tivemos o primeiro impacto de um torneio realizado na escola, deu para entender que existe uma enorme preparação por detrás do mesmo. Neste dia fiquei responsável por fazer a gestão dos jogos do ensino secundário. Foi engraçado por que deu para perceber a realidade do voleibol na escola. (Diário de Bordo- semana 2: 23 a 29 de setembro)*

No primeiro período, foram estes os torneios em que pude não só participar como também perceber o envolvimento da escola e conversar e conviver com os outros professores da área e conseqüentemente evoluir enquanto futura docente. Atualmente ainda me lembro de alguns conselhos que vários professores me deram, lembro-me dos convívios que tive com os diferentes professores e como me identificava mais com a maneira de pensar de uns. Penso que o facto de ter participado nos diferentes torneios me dotou para várias competências necessárias nos docentes, como a organização, a gestão e a resolução de conflitos. Nestas conversas consegui entender ainda mais o conceito da dimensão da cultura profissional, porque apesar de se adquirir esta

dimensão na formação académica é na escola e no diálogo com outros professores que se aprende a profissão.

Ainda houve um evento de caráter social, que foi o magusto. Apesar de no cartaz referir a possibilidade da realização de jogos tradicionais estes não aconteceram devido às condições climáticas, contudo foi um bom momento para estar mais próxima dos alunos e conhecer a cultura da escola. Foi interessante ver a comunidade toda unida e em festa.

No segundo período, ainda tenha terminado mais cedo, realizou-se o torneio de basquetebol, organizado pelo professor com ligação ao desporto escolar da modalidade, no dia vinte de fevereiro. Foi certamente vantajoso estar presente em torneios organizados por diversos professores e perceber como é que cada um os organizava. O torneio estava bem organizado e tinha aspetos diferentes dos restantes e que pretendia implementar no torneio de Gira-Vólei, como apenas os que estavam a jogar é que podiam estar no polivalente e quando terminavam de jogar tinham de se dirigir para o espaço exterior e o como o professor responsável tinha uma turma inteira a ajudá-lo na gestão do torneio, sendo que eram os alunos que arbitravam e apontavam os resultados. Aspeto que pretendia implementar no torneio do Gira-Vólei. Neste torneio fiquei encarregue de ajudar no preenchimento dos quadros, isto é, via os resultados e fazia a classificação dos diferentes grupos.

*“Na quinta-feira fomos ajudar no torneio de basquetebol e foi engraçado ver a diferença da organização deste torneio comparando-o com os torneios de voleibol. Neste torneio o professor que o estava a organizar decidiu apenas deixar entrar para o pavilhão as equipas que estavam a jogar naquele momento. Depois o facto de ter uma turma inteira responsável a ajudar na gestão acho que facilitou imenso o trabalho porque estavam quatro alunos responsáveis por cada campo. (Diário de Bordo- semana 21: 17 a 23 de fevereiro)*

Neste período eu e os outros EE iríamos organizar o torneio de Gira-Vólei que com muita pena minha não foi realizado pela interrupção das atividades letivas presenciais, contudo, já tínhamos quase tudo organizado para o grande dia.

Numa reunião distribuimos as diferentes tarefas pelos vários EE existentes na escola. Eu fiquei encarregue de tratar dos aspetos mais burocráticos, como por exemplo, o contacto com a Associação de Voleibol do Porto (AVP) para a cedência dos diversos materiais e prémios para os participantes, o contacto direto com o professor responsável pelo voleibol na escola e como era da área fiz o regulamento do torneio. Contudo ajudei todos os EE nas suas tarefas. Foi muito reconfortante perceber o envolvimento da comunidade e perceber ainda que o Grupo de Educação Física estava sempre pronto a auxiliar-nos.

Para este torneio esperávamos grande adesão por parte dos alunos, até porque já tínhamos algumas inscrições. Já tínhamos elaborado um plano A e um plano B consoante o número de inscritos e as condições climatéricas. Iriamos utilizar redes de modo a que cada espaço do pavilhão pudesse ter nove campos e o espaço exterior outros seis. Deste torneio iríamos apurar as duplas para o Regional de Gira-Vólei. Apesar do torneio não se ter realizado o trabalho que tivemos com o seu planeamento foi bastante enriquecedor e deu para eu entender o que necessito para organizar um torneio no futuro.

Nestes torneios e eventos todos durante o meu EP sinto que pude observar e participar em variadas tarefas, o que me fez dotar de capacidades que são precisas para a profissão. Sinto também, que, por ser treinadora, algumas das tarefas se assemelhavam aos papéis que já desempenhei no clube, sendo que quando algum imprevisto acontecia conseguia depressa arranjar uma estratégia ou até mesmo uma solução. Deu também para conhecer os outros professores do departamento e perceber quem estava pronto para ajudar e os que tentavam não o fazer, consegui ainda também perceber mais o envolvimento da comunidade escolar e conseqüentemente a cultura escolar.

Um outro acontecimento marcante no meu EP foi a visita de estudo em que pude acompanhar os meus alunos e a turma do outro EE ao Porto. Esta visita deu-se no dia seis de março e foi um marco importante porque pude estar com os meus alunos num registo diferente. Pude perceber todo o enredo necessário para elaborar uma visita e como esta requer preparação dos professores. A nível dos alunos pude identificar comportamentos diferentes que habitualmente tinha

nas minhas aulas, ou seja, percebi que alguns comentários tecidos por diversos professores nas reuniões poderiam ser verdadeiros, tal como os comportamentos infantis que alguns alunos demonstraram naquela visita. Contudo nas minhas aulas os alunos que recebiam a atenção negativa dos outros professores nunca demonstraram outro tipo de comportamento que não o esperado e apresentaram-se sempre empenhados na aula, nunca tendo um comportamento indesejável por parte de qualquer aluno.

*“sexta-feira foi então dia de ir à minha primeira visita de estudo como professora. Posso dizer que a visita em si foi interessante e que visitei locais que ainda não conhecia. Comecei também por perceber que é bastante cansativa para os professores, pois necessitam de estar atentos a todo o ambiente circundante aos alunos. No geral foi uma experiência bastante positiva e pude relacionar-me com os alunos noutra espectro sem ser o das aulas. (Diário de Bordo- semana 22+23: 24 de fevereiro até 8 de março).*



# **A Borboleta**



## **6. A borboleta**

E tal e qual como uma borboleta, chegou a fase em que tenho de abrir as asas e voar. De acordo com Alves et al. (2014), a ausência de perspectivas de futuro na profissão docente contribui para a construção identitária dos estagiários. Quando abracei a área da docência, sempre tive a consciência das dificuldades que esta vive. Contudo, penso que a minha paixão pela mesma não pode ser desvalorizada. O caminho que ainda tenho de percorrer pode ser agitado, no entanto não pretendo desistir.

Este EP foi uma explosão de emoções, de momentos únicos, de uma entrega e disponibilidade imensa, de muitas aprendizagens que guardarei e ficarão marcadas, para sempre, na minha memória e coração. Refletindo, o sucesso do meu EP não se deveu apenas pela minha participação, este foi a colaboração de várias pessoas e entidades, a escola pela forma que me acolheu durante o período de estágio; o PC por todos os momentos de conversa, ensinamentos e pela forma que me integrou, deixando-me sempre à vontade para conversar sobre qualquer assunto e acima de tudo para ser eu própria; o NE, pelo apoio que me deu, pelas trocas de ideias e por todos os convívios diários; a PO pela sua disponibilidade e por poder contar com a sua ajuda sempre que precisei; o grupo de educação física pelas conversas no gabinete e pelos conselhos dados e por fim, mas não menos importantes aos meus alunos por me proporcionarem o melhor ano possível e me ajudaram enquanto EE.

Durante este ano letivo, o desenvolvimento pessoal foi caracterizado pelas várias transformações em mim, desde o pensamento à operacionalização dos processos de planeamento e da minha própria intervenção. Decerto que a minha evolução iria ser mais notória sem a interrupção das aulas práticas, no entanto nestas aulas à distância também me reinventei e priorizei sempre os meus alunos. Uma das maiores mudanças que tive, foi o meu entendimento acerca do que é o ensino e a formação dos alunos. Penso que todas as mudanças que tive devem ser valorizadas e destacadas, pois todas elas me ensinaram a ver o

mundo com outros olhos e a verdade é que não posso esquecer o que se passou neste EP porque estaria a omitir o futuro (Garcia & Portugal, 2013), o que me vai permitir progredir e reconhecer o ponto de partida e onde me encontro neste momento. Os mesmos autores enunciam que o que vivemos no presente é o que comanda a vida, ancorado no passado, mas sem certezas do futuro. De facto, estou certa de que será um futuro incerto, mas estará igualmente nas minhas mãos agarrar todas as oportunidades que me são proporcionadas. Há que olhar o passado com reconhecimento, recordá-lo com nostalgia, mas viver o presente alegremente, sempre com os olhos postos no futuro. Uma coisa é certa, sei que mesmo não exercendo tão cedo a docência, este mestrado deu-me valências para trabalhar e ser melhor nas outras áreas dentro do desporto.

Em suma, estes dois anos do Mestrado de Ensino e Educação Física no Ensinos Básicos e Secundários (MEEFEBS) foram anos de descobrimento e vivências que me permitirão preparar para um futuro enquanto docente. Neste mesmo ano percebi também que o mais importante são os alunos e que todo o ensino tem de ser centrado neles. Inicialmente, dei por mim a pensar que eram os próprios que não estavam interessados nas aulas, contudo atualmente vejo isto de maneira diferente. Cabe ao docente conduzir os alunos para a outra margem, elevando a sua presença e a importância no processo, fazendo-os ver a escola como um elemento fulcral na sua evolução. Refletindo a EF está presente durante toda a formação escolar, tendo de facto uma forte importância formativa no currículo dos alunos. Que se torna, para mim, uma das disciplinas mais importantes no currículo, uma vez que promove vivências que mais nenhuma disciplina consegue promover. A EF prepara os alunos para ultrapassar diversas barreiras, ensina valores que trespasam para a sociedade, preparando-os para a vida e faz com que o aluno se desenvolva a nível motor, cognitivo e sócio afetivo.

E pensando nos aspetos acima referidos, o meu ano não poderia terminar de melhor forma quando nas últimas aulas síncronas e assíncronas, vários alunos me informaram que devido às aulas que tivemos, quer as presenciais quer as online, os fizeram começar a gostar de praticar desporto fora da escola, tendo vários se inscrito no ginásio e outros voltando as modalidades que abandonaram

precocemente. Um dos aspetos que tentei sempre passar foi que a EF é muito mais além do que apenas a técnica e a tática e que se estiverem verdadeiramente atentos iriam perceber que trabalhavam valores que os irá acompanhar para o resto da sua vida.



# **Referências** **Bibliográficas**



## Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Livraria Almedina. (2ª ed.)
- Almeida, J., Leandro, T., & Batista, P. (2013). Dilemas e dificuldades do estudante-estagiário no decurso do Estágio Profissional: Estudo centrado na relação professor-aluno. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 207-225). Porto: Editora FADEUP.
- Alves, M., Queirós, P., & Batista, P. (2014). Os processos de agenciamento e de estrutura do estágio profissional: A voz dos estudantes estagiários. In P. Batista, P. Queirós & A. Graça (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física* (pp. 209-239). Porto: Editora FADEUP.
- Araújo, F. (2017). A avaliação e a gestão curricular em Educação Física: Um olhar integrado. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 32, 121-133.
- Barros, I., Gomes, P., Pereira, A. L., & Batista, P. (2012). Experiências prévias na (re)construção da identidade profissional: Um estudo com estudantes estagiários de Educação Física. *Ágora para la Educación Física y el deporte*, 14(3), 303-319.
- Batista, P., & Queirós, P. (2013). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 33-52). Porto: Editora FADEUP.
- Batista, P. (2014). O papel do estágio profissional na (re)construção da identidade profissional no contexto da Educação Física: Cartografia de um projeto de investigação. In P. Batista, P. Queirós & A. Graça (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física* (pp. 9-41). Porto: Editora FADEUP.

- Baumann, J.F. (1988). Direct instruction reconsidered. *Journal of Reading Behavior*, 31, 714.
- Bento, J.O. (1987). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física (3a ed.)*. Lisboa: Livros Horizontes
- Bento, J. O. (2013). Prefácio. In I. Mesquita & A. Graça (Eds.), *Investigação qualitativa em desporto (Vol. 1, pp. 5-7)*. Porto: Centro de Investigação Formação Inovação e Intervenção em Desporto, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.
- Bento, J. O. (2014). Teoria-prática: Uma relação múltipla. In I. Mesquita & J. O. Bento (Eds.), *Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão (pp. 15-53)*. Porto: Editora FADEUP.
- Bunker, D. & Thorpe, R. (1982). A Model for the teaching of games in secondary schools, *Bulletin of Physical Education*, pp. 5-8. Retrieved from G: 10
- Chng, L., & Lund, J. (2018). Assessment for learning in Physical Education: The what, why and how. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, 89(8), 29-34.
- Cunha, M. A. d., Batista, P., & Graça, A. (2014). Um olhar sobre o estágio profissional em Educação Física: Representações de estagiários do ensino superior público português. In P. Batista, P. Queirós & A. Graça (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física (pp. 143-180)*. Porto: Editora FADEUP.
- Fino, C. N. (2001). Um novo paradigma (para a escola) precisa-se. *FORUMa - Jornal do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade da Madeira*, 1(2).
- Garcia, R. P., & Portugal, P. (2013). O desporto e histórias de vida: Proposta de um novo itinerário a partir de uma visão personalista. In I. Mesquita & A. Graça (Eds.), *Investigação qualitativa em desporto (Vol. 2, pp. 15 - 44)*. Porto: Centro de Investigação Formação Inovação e Intervenção em Desporto, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.

- Graça, M. L., & Lacerda, T. (2012). Educação Física, estética e ética: Um ensaio sobre as possibilidades de desenvolvimento curricular das componentes estéticas e éticas na Educação Física. *Revista Mineira de Educação Física*, 2, 1243-1254.
- Housner, L. (1990). Selecting Master Teachers: Evidence From Process-Product Research. *Journal of Teaching in Physical Education*, 9, 201-226.
- Kirk, D., & MacPhail, A. (2002). Teaching games for understanding and situated learning: rethinking the Bunker-Thorpe model. *Journal of Teaching in Physical Education*, 21 (2), 177-192-
- Marcelo, C. (1999). Estudio sobre estrategias de inserción profesional en Europa. *Revista iberoamericana de educación*, (19), 101-143
- Marinho, T. (2013). Reencontros inadiáveis para situar o desporto no horizonte da paideia. Porto: Dissertação de apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Matos, Z. (2014). Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
- Maxwell, T. (2003). The progressive games approach to teaching expertise in volleyball. In L. Griffin., B. Lombardo & R. Nastasi (Eds.), *Teaching games for Understanding in physical education and sport* (pp. 41-52). Oxon Hill: AAHPERD, Publications.
- McGrown, C. (1991). O Ensino da Técnica Desportiva. *Treino Desportivo*, 22, 15-22
- Mendes, R., Clemente, F., Rocha, R., & Damásio, A. (2012). Observação como instrumento no processo de avaliação em Educação Física. *Revista Científica*, 6, 57-70
- Mesquita, I. (2006<sup>a</sup>). Ensina bem para aprender melhor o jogo de voleibol. In G. Tani, J. Bento, R. Petersen (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 327-343). Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan.

- Mesquita, I., & Graça, A. (2011). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In A. Rosado & I. Mesquita (eds.), *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Metzler, M.W. (2000). *Instructional models for Physical Education*. Boston: Allyn and Bacon
- Penney, D., Brooker, R., Hay, P., & Gillespie, L. (2009). Curriculum, pedagogy and assessment: Three message systems of schooling and dimensions of quality physical education *Sport, Education and Society*, 14(4), 421-442
- Queirós & R. Rolim (Eds.), *Formação inicial de professores: Reflexão e investigação na prática profissional* (pp. 127-143). Porto: Editora FADEUP.
- Queirós, P. (2014a). Da formação à profissão: O lugar do estágio profissional. In P. Batista, P. Queirós & A. Graça (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física* (pp. 67-83). Porto: Editora FADEUP.
- Reina, M. (2013). Ser professor cooperante: Em modo de despedida. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 87-89). Porto: Editora FADEUP
- Ribeiro, A., Ribeiro, L. (1989). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Richards, A., Templin, T., & Gaudreault, K. (2013). Understanding the realities of school life: Recommendations for the preparation of Physical Education teachers. *Quest*, 65(4), 442-457.
- Rink, J.E. (2001). Investigating the assumptions of Pedagogy. *Journal of Teaching in Physical Education*, 20, 2, 112-128.
- Rosa, C. W. d., Darroz, L. M., & Marcante, T. E. (2012). A avaliação no ensino de Física: Práticas e concepções dos professores. *Revista Electrónica de Investigación en Educación en Ciencias*, 7(2), 41-53.
- Rosado, A. e Colaço, C. (2002). *Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Omniserviços

- Rosado, A. e Mesquita, I (2011). *Pedagogia do Desporto*. Faculdade de Motricidade Humana. Cruz Quebrada (Portugal)
- Rosenshine, B. (1979). Content, Time and Direct Instruction. In P. Peterson and H. Walberg (Eds.), *Research and Teaching: Concepts; Findings and Implications* (pp. 28-56). Berkeley: McCutchan
- Rosenshine, B., & Stevens, R. (1986). Teaching Functions. In M. Wittrock (Ed.), *Handbook of Research on Teaching* (3rd ed., pp. 376-391). New York: Macmillan Publishing Company.
- Santos, F., Batista, P., Sousa, T., Gomes, J., & Cunha, M. A. d. (2013). Perceções dos estudantes estagiários acerca do processo formativo vivenciado em estágio e o seu contributo para a profissão. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 193-205). Porto: Editora FADEUP.
- Scriven, M. (1967). The Methodology of Evaluation. In R. Tyler, R.M. Gagné e M. Sciven (Eds.). *Perspectives of Curriculum Evaluation*, 39-83. AERA Monograph Series on Curriculum Evaluation (1). Chicago: Rand Mac Nally.
- Siedentop, D. (1987). The theory and practice of sport Education. In G. Barrete, R. Feingold, R. Rees and M. Piéron (Eds.), *Myths, models and methods in sport Pedagogy* (pp. 79-86). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (3rd ed.), Mayfiel Publishing Company
- Silva, M. C. M. D. (1997). O primeiro ano de docência: o choque com a realidade. *Viver e construir a profissão docente*, 13(1), 51-80.
- Silva, E. R. d. (2014). O modelo de estágio pedagógico em Educação Física: Pontos fortes percebidos por estagiários e orientadores. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Formação inicial de professores: Reflexão e investigação na prática profissional* (pp. 127-143). Porto: Editora FADEUP.
- Silva, T., Batista, P., & Graça, A. (2014). Os programas de formação inicial de professores de Educação Física nas universidades públicas portuguesas: Estrutura e fundamentos. In P. Batista, P. Queirós & A.

- Graça (Eds.), O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física (pp. 113-141). Porto: Editora FADEUP.
- Vickers, J. (1990). Instructional design for teaching physical education. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Whelan, K. (1999). Traveler on journey. In M. Connelly & J. Clandinin (Eds.), Shaping a professional identity: Stories of Education practice (pp. 20-31). New York: Teachers College Press.
- Wenger, E (1998). Communities of Practice: Learning, meaning, and identity. Cambridge: Cambridge University Press.